

APRESENTAÇÃO

“Eu me comovo com as pequenas sabedorias que são perdidas a cada morte”, disse Borges ainda jovem. Dedicamos este nosso número à memória de Graciela Ravetti, nossa amiga argentina, que tão cedo nos deixou. Sentiremos saudade de nossas conversas em falas camaradas, mas, como também diria Borges (citando Verlaine), ficamos com sua literatura em nossas bibliotecas, que é o que resta após o que é essencial e está sempre além do que manifestou o alcance das palavras.

Ravetti era professora titular da FALE/UFMG e foi diretora da casa de 2014 a 2021.

ENTRE O VÍRUS E OS VERMES, A LITERATURA

2020. O ritmo da vida humana parece a cada dia mais frenético: produção industrial em larga escala global; transmissão de mercadorias, informações e pessoas com

uma velocidade jamais imaginada; espaços ocupados por imensas aglomerações humanas continuamente interconectadas. Pessoas, especialmente nas grandes cidades, já não parecem se dar conta do tempo que passa nas passagens do espaço. Mas...

2020. Este mesmo mundo, assolado por um vírus destrutivo e altamente contagioso, vê-se obrigado a instalar restrições rigorosas a fim de retardar seu contágio e resguardar o máximo possível a saúde pública. O imperativo ético é evidente. Os grandes detentores do capital multinacional, contudo, fazem pressão para que os governos privilegiem a economia e abram mão de vidas consideradas “dispensáveis”: o excedente, composto em larga medida por pessoas pobres, velhas e doentes. Os “improdutivos”, relegados às margens de uma sociedade

que só parece conhecer o imperativo da produtividade e do acúmulo.

2020. A crise está aí. Entre o vírus e os vermes, a literatura surge como uma instituição capaz de oferecer o espaço e o tempo necessários à reflexão crítica: que critérios têm guiado nossas escolhas e nos levado a viver de forma tão frenética e sufocada? Com que objetivos seguimos tão convictamente no rumo do que parece ser nossa própria aniquilação? Como criar ferramentas, em tempos de isolamento, para propor soluções coletivas diante de uma crise que se mostra, sobretudo, social? Em um cenário no qual o futuro que nos era planejado parece estar em falta, a literatura se encarrega de nos trazer as notícias de outros mundos possíveis, alimentando nossas perspectivas desgastadas com caminhos outros para a ação e para o pensamento.

O dossiê deste número urgente abre-se com o texto de André Carvalho, “*A praga escarlata e o vírus da linguagem*”. Com excelente fundamentação teórica, o estudioso propõe uma contextualização da obra de Jack London, publicada em 1912, a partir das várias referências com que dialoga em seu panorama de um futuro apocalíptico do planeta Terra, após uma pandemia. A obra é examinada em relação a teorias de contágio e é interpretada como uma instância exemplar das transformações intelectuais e políticas da chamada Era Progressista.

Na sequência, Gabriel Costa dos Santos e Leonardo Davino de Oliveira propõem “*A voz do verme híbrido e transtemporal de Pedro Killkerry*”. Essa leitura concentra-se no poema “*O verme e a estrela*” de Pedro Killkerry e na adaptação cancional do mesmo, levada a cabo por Cid Campos e registrada no disco *A fábrica do poema* (1994),

de Adriana Calcanhotto, e no projeto verbivocovisual *Poesia é risco* (1995), de Augusto de Campos. Essa análise volta-se para uma interpretação desse poema à luz de seu contexto histórico, sem descurar da biografia de seu autor, mas extrapola essa abordagem ao propor desdobramentos envolvendo uma reflexão sobre a potência viva e vivificante da voz e de sua vocoperformance.

Gislene Teixeira Coelho oferece suas considerações em “Mal-branco, humanismo, civilização: tensões e perversões em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago”. Apoiando suas discussões na representação da cegueira branca da obra de Saramago, que visualiza nessa experiência o esgarçar dos conceitos de civilização e civilidade, a autora experimenta os limites que distinguem o homem do animal, a cultura da natureza e a civilização da barbárie, reforçando a tenuidade e a ilegitimidade

das fronteiras que os separam e levantando uma postura crítica em direção à visão arrogante e impositiva do homem.

Em “Entre vírus e vermes, ainda Literatura”, Rafael Silva mobiliza uma série de exemplos de obras literárias que trazem como fio condutor contextos de peste ou epidemias. Neste texto, que se insere entre o artigo e o ensaio, o que liga Boccaccio, Homero, Tucídides, Camus, Defoe, entre outros autores, é a possibilidade de construir no Ensino de Literatura reflexões sobre o presente pandêmico a partir de obras de diferentes períodos que podem transformar-se então em diálogos contemporâneos de seus leitores atuais.

Na seção “Ensino de Literatura”, Elizabeth Cardoso, Luis Carlos Girão e Raquel Laranjeira Pais contribuem

com o artigo “Brincar, ler e aprender: o alfabeto na literatura para infância”, que revisita a tradição das cartilhas e abecedários que buscam reunir educação e literatura. Com o objetivo de investigar de que modo obras da literatura contemporânea para infância “brincam” com o alfabeto para construir o leitor literário, o trabalho analisa os livros *A E I O U*, de Angela Lago e Zoé Rios, e *움직이는 거꾸다* (*ABC em movimento*), de Suzy Lee. A discussão recorre a propostas de Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman.

Na seção “Teoria, Crítica Literária e outras Artes e Mídias”, contamos com a inovadora contribuição de Rafael Fava Belúzio, “como se fosse a crítica (uma correspondência para Ana Martins Marques)”. No texto, que joga com as fronteiras entre os gêneros literários – carta, artigo acadêmico, bilhete, p.s. –, o autor propõe um

diálogo de viés autobiográfico com a poeta Ana Martins Marques, sobretudo a partir de seu livro *como se fosse a casa* (2017), oferecendo uma série de observações fragmentárias sobre sua vida, sua obra e sua poética.

Na sequência, Rosa Clesar e Jorge H. Wolff oferecem “Poesia esparsa, destino esparso: Leminski em Santa Catarina”. Nessa leitura interessante da vida e da obra do poeta curitibano, lança-se mão de documentos localizados em acervos públicos e particulares e em hemerotecas nacionais que permaneciam pouco ou nada estudados. Foram recuperados depoimentos, reportagens, ensaios, fotografias e poemas inéditos em livro que podem oferecer novas percepções a respeito do trabalho de Leminski. A partir deste material esparso são apresentadas relações intelectuais também pouco exploradas,

com destaque para a poesia corpórea do poeta Lindolf Bell.

Letícia Ritter de Abreu Valença e Dionei Mathias contribuem com o texto intitulado “Visão de mundo e bifocalidade em Faïza Guène e Junot Diaz”. Traçando um paralelo entre Doria e Lola, protagonistas respectivamente de *Amanhã, numa boa* (2006), de Faïza Guène, e *A Fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009), de Junot Díaz, esse estudo analisa o relacionamento materno e o despertar da sexualidade, em duas personagens do contexto de fluxos migratórios. Com base nos conceitos de mundividência de Carlos Reis e de bifocalidade de Steven Vertovec, este artigo discute as modalidades de interação entre mãe e filha, isto é, entre primeira e segunda geração de atores sociais, com uma história de migração.

No artigo “O chamado órfico da literatura: as desastrosas imagens da impossibilidade na obra *Moby Dick*”, Marcos Roberto dos Santos Amaral indaga, com base em ideias de Maurice Blanchot, de que modos a caracterização da literatura como escrita errante, inútil e interminável manifesta-se na obra de Herman Melville. Esse livro, segundo o pesquisador, rejeita um ponto de vista narrativo que pretenda constituir uma totalidade ordenada. A obra desconstruiria limites (narrativos e morais) conservadores, diluindo o cânone clássico e pondo em operação uma criatividade escritural destituída de sentidos normativos apriorísticos. O comentador sustenta, ainda, que Acab e sua tripulação dirigem-se a um porvir não abarcado pelas ideologias burguesas.

Em “Um relógio na sala: tempo, alegoria e história em Avalovara”, Pedro Henrique Couto Torres analisa o

fragmento P, intitulado “O Relógio de Julius Heckethorn”, presente em *Avalovara*, obra de Osman Lins. O artigo mapeia as construções de tempo e linha no romance, verificando o caráter alegórico que o tema do relógio adquire ao aproximar-se da escrita literária.

Giovani T. Kurz, no texto “Do que se cria: im/potência e sobredeterminação”, visita a obra do filósofo italiano Giorgio Agamben tendo como foco os enlaces entre linguagem e criação. O autor propõe que a crítica genética pode propulsionar novos percursos para a crítica literária contemporânea.

Em “A importância e a utilidade da literatura para a vida: três perspectivas em diálogo”, a pesquisadora Talita Jordina Rodrigues investiga a valorização da literatura a partir de uma reflexão acerca de obras de Antonio

Candido, Jorge Volpi e Michèle Petit. A autora refaz os percursos históricos de tais autores ao mesmo tempo em que vislumbra o lugar dos literatos na sociedade contemporânea.

Na seção “Tradução e Edição”, Cristóvão José dos Santos Júnior apresenta “Cleópatra e os antigos Césares sem a letra ‘o’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do Livro XIV da *De aetatibus mundi et hominis*”, a primeira tradução para a língua portuguesa desta seção da obra. *De aetatibus mundi et hominis* é o mais antigo lipograma conhecido, atribuído ao autor Fábio Placíades Fulgêncio, que teria vivido entre os séculos V e VI. No Livro XIV, Fulgêncio descreve a vida de imperadores romanos suprimindo unidades lexicais que apresentam a letra “o”, marca estilística mantida na tradução.

Leila De Aguiar Costa traz uma tradução de “*Emma ou o amor infeliz. Episódio de cólera no Québec em 1832*”, conto publicado por Ulric-Joseph Thessier, jurista, professor de Direito e prefeito da cidade do Québec no começo do século XIX. A narrativa de Thessier encena a epidemia de cólera que acomete uma comunidade quebequense, enfocando no sofrimento e na história de uma família em particular. Diante do desenvolvimento dos personagens, destituídos de seus planos pela doença que assola Québec, é impossível deixar de traçar relações com a epidemia que vivemos atualmente, quase 200 anos depois do episódio encenado por Thessier.

Na seção “Em Tese”, contamos com a contribuição de Camila Carvalho, intitulada “O anjo tem corpo de mulher”. Refletindo sobre um corpo-memória que recupera o passado, revelando sua latência no presente,

expediente empregado por Diamela Eltit, em *Jamais o fogo nunca* (2007), esse artigo propõe uma leitura crítica dessa obra fundamental para pensar algumas facetas da história da ditadura militar chilena. Segundo a proposta da estudiosa, ao aproximar-se desse evento histórico por meio de um escrutínio da militância masculina, o romance questiona a dimensão falocêntrica da racionalidade e elabora um tipo de aproximação ao passado que, segundo Walter Benjamin nas teses que compõem seu “Sobre o conceito de História” (1940), alia rememoração e redenção.

Na seção “Resenhas”, temos o texto de Camila Bylaardt Volker sobre o livro *A parábola do Semeador*, Octavia Butler, e o texto de Alexandre Henrique Silveira sobre *A mulher de pés descalços*, Scholastique Mukasonga. Nas poéticas, os versos de Marina Rima e Brenda K. Souza.

Na seção Poéticas, Carlandréia Ribeiro apresenta seus *Experimentos de escrita e deságue - para não enlouquecer na pandemia*. Nos textos, a premiada atriz mineira flerta com a poesia e a prosa, fazendo da palavra escrita seu instrumento para lutar contra vírus e vermes, mas sem perder a gênese de força e doçura de seu canto.